



**A MILITÂNCIA POLÍTICA DE PAULO EMÍLIO SALLES GOMES NOS ANOS DE 1930 E 1940: O INTELLECTUAL EM *FORMAÇÃO*, SEU *ESPAÇO DE EXPERIÊNCIAS* E *HORIZONTE DE EXPECTATIVA***

**Julierme Moraes\***

**Universidade Estadual de Goiás – UEG**

[juliermemorais27@gmail.com](mailto:juliermemorais27@gmail.com)

**RESUMO:** Muito conhecido por sua trajetória como crítico e historiador de cinema brasileiro, Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977) faleceu há exatos 40 anos. Apesar de inúmeras celebrações em torno de sua memória e pesquisas de vulto sobre sua contribuição à cultura brasileira, sua atuação político-ideológica ainda constitui-se num tema pouco explorado pelos pesquisadores. Para tentar, de algum modo, contribuir para a reversão desse quadro e incitar novos investimentos na fase da vida de Paulo Emílio que consideramos um processo de *formação*, no presente artigo nos propomos a uma análise crítica de sua atuação enquanto militante político de esquerda nas décadas de 1930 e 1940. Para tanto, nos amparamos teoricamente nos conceitos de *espaço de experiências*, *horizonte de expectativa* e *formação*, tomados de empréstimo, respectivamente, de Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo Emílio Salles Gomes, militância política, formação, espaço de experiências, horizonte de expectativas.

**THE POLITICAL MILITANCE OF PAULO EMÍLIO SALLES GOMES IN THE YEARS OF 1930 AND 1940: THE INTELLECTUAL IN *FORMATION*, ITS *EXPERIENCE* *SPACE* AND *HORIZON OF EXPECTATION***

**ABSTRACT:** Well known for his career as a Brazilian film critic and historian, Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977) passed away exactly 40 years. Despite of numerous celebrations around his memory and important research on his contribution to brazilian culture, his political-ideological performance still constitutes a subject little explored by the researchers. To try, somehow, to contribute to the reversal of such a framework and encourage new investments in this life stage of Paulo Emílio, which we consider a process of formation, in this article we propose a critical analysis of his role as a left-wing political activist during the decades of 1930 and 1940. Therefore, we theoretically rely on the concepts of *experiences space*, *horizon of expectation* and *formation*, borrowed respectively from Reinhart Koselleck and Jörn Rüsen.

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); docente da área de Teoria e Metodologia da História da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e pesquisador do Núcleo de Estudos de História da Arte e da Cultura (NEHAC) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do Grupo de Estudos de História e Imagem (GEHIM) da Universidade Estadual de Goiás (UFG).

**KEYWORDS:** Paulo Emílio Salles Gomes, political militance, formation, experience spaces, horizon of expectation.

Os lugares mais quentes do inferno são reservados àqueles que, em épocas de crise moral, mantêm-se na neutralidade.  
Dante Alighieri, in “Divina Comédia”

Tomando como ponto da partida a frase de Dante utilizada como epígrafe, podemos afirmar que, sem dúvida, Paulo Emílio Salles Gomes não garantiu seu lugar no inferno, pois em toda sua trajetória intelectual, em momentos de crise moral, econômica, política ou cultural, nunca se pautou pela neutralidade. Paulo Emílio nasceu em São Paulo a 17 de dezembro de 1916 e faleceu na mesma capital paulista em 9 de setembro de 1977. Em 1933 concluiu o ginásio cursado no colégio Liceu Rio Branco, no bairro de Higienópolis, em São Paulo. A partir de então foi militante comunista na juventude, motivo pelo qual foi preso político do governo Getúlio Vargas entre 1935 e 1937. Após uma primeira temporada residindo na França (1937-1939), na década de 1940, juntamente com Antônio Candido, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, Rui Coelho, Gilda de Mello Souza e Alfredo Mesquita compôs o grupo que editou e colaborou na seminal revista *Clima*, cujas análises de linguagens artísticas modificaram os rumos da crítica cultural do país. Nos decênios de 1950 e 1960, após outra temporada na França (1945-1954), Paulo Emílio tornou-se o principal articulista de cinema do país pelas páginas do *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*, um dos fundadores e curador-chefe da *Cinemateca Brasileira*, um dos fundadores e professor do curso de cinema da Universidade de Brasília (UnB) e da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), além de professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), também da USP. Como legado, Paulo Emílio deixou inúmeros escritos sobre cinema<sup>1</sup>, um livro dedicado ao realizador Humberto Mauro<sup>2</sup>, outro dedicado ao cineasta francês Jean Vigo<sup>3</sup>, artigos

---

<sup>1</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. Crítica de cinema no Suplemento Literário. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 2 Vols. \_\_\_\_\_. **Paulo Emílio: um intelectual na linha de frente.** Carlos Augusto Calil e Maria Teresa Machado (Org.). São Paulo/Rio de Janeiro: Brasiliense/EMBRAFILME, 1986.

<sup>2</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Humberto Mauro, Cataguazes, Cinearte.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>3</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Jean Vigo.** São Paulo: Cosacnaify/Edições SESC-SP, 2009.

clássicos sobre cinema brasileiro<sup>4</sup> que se constituíram numa teia interpretativa de nossa história cinematográfica devido a sua eficácia discursiva<sup>5</sup>, bem como gerações de pesquisadores influenciados por suas investidas culturais e sócio-políticas, seja como professor, intelectual engajado pela causa do cinema brasileiro, ou como pesquisador de nossa história da Sétima Arte.<sup>6</sup>

À luz desse rápido esboço biográfico, que traduz em larga medida a influxo intelectual e político da atuação de Paulo Emílio Salles Gomes na cultura nacional, o presente texto tem como tema fundamental sua militância política nos anos de 1930 e 1940. A partir dessa predisposição se delinea a principal hipótese desse artigo. A saber: a atuação do crítico e historiador como militante político nos decênios de 1930 e 1940 constituiu-se num *espaço de experiência* de formação intelectual de viés ideológico esquerdista. A fim de auxiliar na comprovação de tal hipótese, do ponto de vista teórico nos amparamos nas categorias *espaço de experiência*, *horizonte de expectativa*<sup>7</sup> e *formação*, tomadas de empréstimo, respectivamente, dos historiadores alemães Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen.

Para Reinhart Koselleck, *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa*, apesar de parecerem categorias gerais e estanques, se entrelaçam temporalmente espacialmente e são fundamentais para qualquer tipo de análise sobre o tempo histórico, pois não há expectativa sem experiência, assim como não existe experiência histórica sem expectativa<sup>8</sup>. Definindo as categorias, Koselleck assinala:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais

<sup>4</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Cinema**: trajetória no subdesenvolvimento. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

<sup>5</sup> MORAIS, Julierme. Eficácia Política de uma crítica: Paulo Emílio Salles Gomes e a constituição de uma teia interpretativa da história do cinema brasileiro. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2010. \_\_\_\_\_. **Paulo Emílio Salles Gomes e a eficácia discursiva de sua interpretação histórica**: reflexões sobre história e historiografia do cinema brasileiro. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

<sup>6</sup> Grande parte dessas informações biográficas foram retiradas da obra escrita por José Inácio de Melo Souza. Cf. MELO SOUZA, José Inácio de. **Paulo Emílio no paraíso**. São Paulo: Editora Record, 2002.

<sup>7</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

<sup>8</sup> Ibid., p. 307.

presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia.<sup>9</sup>

Em outras palavras, a experiência consiste no passado presentificado, tanto de modo racionalizado quanto de modo inconsciente, ao passo em que a expectativa,

[...] também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.<sup>10</sup>

As partir das definições de Koselleck, temporalmente pode-se refletir sobre a experiência de vida dos indivíduos nos seus respectivos presentes pela relação temporal/espacial estabelecida entre o passado tornado vivo nesta experiência e o futuro projetado como horizonte de expectativa de novas experiências. Em outros termos, o *espaço de experiência* pode ser entendido como o passado tornado atual no momento da construção intelectual presente, no qual convivem, ao mesmo tempo, vários tempos anteriores que são preservados na memória e incorporados no cotidiano. Por outro lado, *horizonte de expectativa* pode ser entendido como aquilo que está nas aspirações presentes, porém, visando o futuro.

No tocante à categoria de *formação*, Jörn Rüsen ressalta:

“Formação” significa o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio, que articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de autorrealização ou de esforço identitário. Trata-se de competências simultaneamente relacionadas ao saber, à práxis e à subjetividade. [...] Formação opõe-se criticamente à unilateralidade, à especialização restritiva e ao afastamento da prática e do sujeito. Ela pressupõe a capacidade de apreender os contextos abrangentes — e de refletir sobre eles —, nos quais se formam e aplicam capacidades especiais. A categoria da formação refere-se à vinculação entre saber e agir exigida pela carência de orientação do sujeito agente, pois insere-se na representação do todo que constitui a situação em que o agente deve lidar com seus problemas.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006, p. 309-310.

<sup>10</sup> Ibid., p. 310.

<sup>11</sup> RÜSEN, Jörn. **História Viva**: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora UnB, 2010c, p. 95.

Com efeito, especificamente com base nas categorias apresentadas, acreditamos que a atuação de Paulo Emílio como militante político nos decênios de 1930 e 1940 constituiu-se num *espaço de experiência* no qual o passado histórico nacional e o seu próprio entrecruzou-se com um *horizonte de expectativa* cuja principal premissa girou em torno da remodelação dos parâmetros políticos nacionais e, ao mesmo tempo, constituiu-se num processo de *formação* intelectual, cuja vinculação entre saber e ação foram condições *sine qua non*.

No propósito de refletir a partir das premissas colocadas, tentando desviar de uma biografia intelectual tecida nos moldes da genealogia teológica/benedictina, que sempre procura movimentos sincrônicos e foge da diacronia, nossa intenção é mapear, obviamente respeitando o recorte proposto, as atividades de militância política de Paulo Emílio à luz do conflito e das possíveis tensões, ao invés da tentativa corriqueira de harmonização relacional. Para tanto, num primeiro momento pretendemos incidir foco na militância política de Paulo Emílio balizada pelo marxismo-leninismo, especialmente nos anos de 1930. No segundo, problematizaremos tal militância e ações de ordem político-ideológica à luz de um marxismo independente, já nos anos de 1940. Por fim, tecemos algumas considerações sobre a significância desse processo formativo de Paulo Emílio, que acreditamos ter se constituído num *espaço de experiências* carregado de um *horizonte de expectativa* balizado pelo ideal de esquerda.

## **PAULO EMÍLIO MARXISTA-LENINISTA NOS ANOS DE 1930**

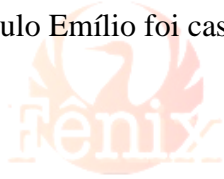
O início da década de 1930 foi socioeconomicamente muito agitado na cidade de São Paulo. De acordo com Nicolau Sevcenko:

Nos meados do século XIX São Paulo era ainda a cidadezinha obscura e extremamente pobre que havia sido desde que fora fundada pelos jesuítas nos meados do século XVI. A rápida expansão das lavouras de café no interior do estado de São Paulo, em consequência das mudanças no mercado de bens primários causadas pela Revolução Científico-Tecnológica, como já vimos, teve como subproduto um boom de crescimento urbano e demográfico da cidade. Assim, em 1872, já sob a expansão do café, São Paulo tinha 20.000 habitantes. Em 1890 esse número havia subido para 70.000. Em 1910, esse total chegou a 300.000. Dez anos depois, em 1920, a cidade tinha 500.000 habitantes. Em 1931 a população já havia ultrapassado a casa de 1 milhão de pessoas. Isto significa, em outras palavras, que em 62 anos a cidade teve um crescimento de cerca de 5.500%. Ou ainda que ela

creceu a uma taxa anual de 89%, o que significa dizer que ela quase dobrou de tamanho a cada ano, justificando-se assim o comentário das autoridades que se vangloriavam desse fato: “São Paulo é a cidade de crescimento mais rápido em todo o mundo.”<sup>12</sup>

De igual maneira, no plano cultural e político as coisas seguiam na mesma esteira, sobretudo em função do fim da “Primeira República” que se encerrou de modo complicado. As difíceis condições de vida em uma cidade que se transformou em megalópole em pouco mais de meio século, associadas à problemas de ordem política que culminaram na chamada “Revolução de 30” (1930), na *Revolução Constitucionalista* (1932) e na *Intentona Comunista* (1935), se encarregavam de criar um ambiente repleto de inquietudes.

Nesse contexto, Paulo Emílio, procurando se ambientar socialmente na atmosfera rarefeita paulistana, se fazia presente em lugares privilegiados de arregimentação social e militância política, em especial, aderindo aos ideais de esquerda com participações ativas em comícios e reuniões da *Juventude Comunista*. Uma dessas participações ativas foram narradas com maestria por Ligia Fagundes Telles, com quem Paulo Emílio foi casado, do seguinte modo:



Eu estava no curso fundamental da Escola Caetano de Campos quando vi Paulo Emílio pela primeira vez liderando um comício de estudantes na Praça da República. Fiquei impressionada, meu Deus! tanta coragem daquele moço de olhar entortado e voz flamante, protestando contra a repressão política e contra a censura. Repetia muitas vezes a palavra resistir! mais gente chegando. Subindo num banco e com voz apaixonada ele conclamou os ouvintes, tinham todos de participar dessa frente democrática, o único caminho que se abria para o povo do Brasil. Foi aplaudido com entusiasmo, também eu bati palmas, mas sem entender que partido seria esse, no verdor da adolescência o meu envolvimento não era com política mas com literatura [...] Chegou um meu colega do grêmio conservador e fez em voz baixa a advertência, ‘Cuidado, ele é fascinante mas perigoso!’<sup>13</sup>

Como a ação era articulada ao saber, o jovem militante também levava a sério os estudos de viés esquerdista, cujas publicações marxista-leninistas<sup>14</sup> começaram a

---

<sup>12</sup> SEVCENKO, Nicolau. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 87.

<sup>13</sup> TELLES, Lygia Fagundes. Um retrato. In: CAETANO, Maria do Rosário (Org.). **Paulo Emílio Salles Gomes: o homem que amava o cinema e nós que o amávamos tanto**. Brasília: Secretaria de Cultura do Distrito Federal, 2012, p. 22.

<sup>14</sup> Marxismo-leninismo como expresso por Leandro Konder, que enfatiza: “A expressão ‘marxismo-leninismo’ foi cunhada para dar ênfase à dimensão universal que os comunistas enxergavam na obra de Lênin, reagindo contra os enfoques que reconheciam a importância histórica do fundador do Estado

chegar ao país mais regularmente ao final dos anos de 1920. Nesta medida, Paulo Emílio formava seu arsenal político-ideológico por meio de leituras em francês de Lênin, Stálin, Riazanov, Max Beer, Leo Goomilevsky, Michael Good, e em espanhol das publicações dos congressos da III Internacional Comunista (1919).<sup>15</sup> O próprio Paulo Emílio, já maduro, nas páginas do *Suplemento Literário* do Jornal *O Estado de São Paulo*, rememorou sua juventude comunista, afirmando:

A Rússia foi o país que mais me interessou durante muito tempo. O motivo era político, mas eu me pergunto se esta expressão é a mais adequada para resumir o estado de espírito dos jovens brasileiros que abordavam os problemas russos nos anos imediatamente anteriores e posteriores a 1930. Durante os últimos cento e tantos anos não houve país que suscitasse, como a Rússia, tanta paixão. Para encontrar algo semelhante é preciso reportar aos fins do século dezoito e início do século dezenove, à França nova remodelada pela Revolução. Os estímulos afetivos provocados pela transformação da Rússia em União Soviética ultrapassaram amplamente o que se designa por política. Ou melhor, a política naquele tempo aparecia para muitos como a atividade humana mais completa que se pudesse imaginar, envolvendo todas as preocupações, das morais à estéticas. [...] O comunismo oferecia uma concepção de mundo e normas de comportamento.<sup>16</sup>

A modéstia do então já crítico renomado resumiu a posição de ser comunista na juventude a uma questão de paixão. Na mesma época, novamente no *Suplemento*

---

soviético, porém a restringiam a condições específicas da URSS. No entanto, o hífen que ligava o marxismo ao leninismo forçava a equiparação de dois pensamentos que se haviam desenvolvido em níveis distintos de abstração. Marx era um filósofo: elaborou uma concepção filosófica da história, uma crítica filosófica da economia política. Lênin era um teórico-político: seu pensamento se movia, em geral, num plano mais comprometido com as condições empíricas da ação. [...] o hífen da expressão ‘marxismo-leninismo’ passou a ser usado para forçar artificialmente a elevação de certas ideias de Lênin ao nível filosófico e para rebaixar certas ideias de Marx a um nível não-filosófico, impedindo que os leitores de Marx extraíssem todas as consequências delas”. KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**: a recepção das obras de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 41-42.

<sup>15</sup> De acordo com Edgard Carone, a fundação da III Internacional Comunista (1919) se transforma na mola dinâmica de todo o processo de difusão do marxismo-leninismo e da nova literatura revolucionária pós-Revolução Russa. Cf. CARONE, Edgard. **O marxismo no Brasil**: das origens a 1964. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986, 28. Nesse processo, a recepção das ideias de Marx no Brasil se realizava em condições marcadas por diversos fatores adversos e desfavoráveis à compreensão dos aspectos mais dialéticos do pensamento do filósofo alemão, pois, além das deficiências da literatura marxista que se difundiu no país, o *Partido Comunista Brasileiro* (PCB) passava por uma crise interna e era submetido à pressão da III Internacional, fato que levou seus dirigentes a acolherem sobremaneira a doutrina codificada do marxismo-leninismo. Cf. KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**: a recepção das obras de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 168.

<sup>16</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. Introdução bastante pessoal. In: \_\_\_\_\_. **Crítica de cinema no Suplemento Literário**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 357, Vol. 2.

*Literário*, as considerações também giraram em torno do sentimentalismo. Paulo Emílio argumentou:

Em 1935, pois, aderiu a tudo que me parecia moderno: comunismo, aprismo, Flávio de Carvalho, Mário de Andrade, Lasar Segall, Gilberto Freyre, Anita Malfatti, André Dreyfus, Lenine, Stalin e Trotski, Meyerhold e Renato Viana.<sup>17</sup>

Em outros termos, ser comunista correspondia a ser moderno. Entretanto, acreditamos que era bem mais que isso. Pois, apesar de o influxo modernista ser fundamental em sua *formação* intelectual, naquele momento, após a “Revolução de 1930”, quando a derrota política da elite paulista reordenou a ambiência intelectual da capital, a militância de esquerda tendia a ocupar mais profundamente seu cotidiano. Nesta medida, concordamos com João Carlos Soares Zuin, que não nega o gosto de Paulo Emílio em ser moderno, mas afirma com veemência a importância do comunismo em sua vida. De acordo com ele,



Paulo Emílio concebia o comunismo como um movimento libertário da humanidade, a nova luz que iluminava o caminho que deveria ser trilhado pela humanidade após a barbárie da Primeira Guerra mundial e da crise da modernidade. Para o jovem militante comunista a participação na política estava ligada à convicção de que os antigos valores culturais haviam se tornado obsoletos e sem vida e, por conseguinte, vinculada também a uma atenção apaixonada à história entendida como *locus* da renovação radical.<sup>18</sup>

Ou seja, um passado muito vivo em seu *espaço de experiências* — além dos acontecimentos de ordem mundial, tais como Primeira Guerra, Revolução Russa, crise do modernismo, no plano nacional, a derrota de São Paulo, tanto politicamente, em 1930, quanto militarmente, em 1932 — ditava um presente que era negado e um horizonte de expectativa de libertação, com valores novos e humanistas. O marxismo-leninismo sinalizava, naquele contexto um telos que se ligava ao horizonte de expectativa do jovem Paulo Emílio.

Por esse motivo, por volta de 1934, em função da adesão à *Juventude Comunista*, ele passou a participar de reuniões do *Comitê Estudantil da Luta Contra a*

---

<sup>17</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. Um discípulo de Oswald em 1935. In: \_\_\_\_\_, **Crítica de cinema no Suplemento Literário**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 440, Vol. 2.

<sup>18</sup> ZUIN, João Carlos Soares. Paulo Emílio Salles Gomes e Paris: política e cinema como duas vocações. **Novos Rumos**, ano 17, nº. 36, 2002, p. 53.



*Guerra Imperialista e o Fascismo* e a escrever artigos no jornal *Vanguarda Estudantil*. Os integralistas, sob a liderança de Plínio Salgado, começaram a se tornar os principais inimigos políticos do jovem militante de esquerda. Paulo Emílio já havia escolhido um lado da polarização, pois, o embate entre os intelectuais paulistas e o movimento integralista tinha profundas raízes na querela política desencadeada pelos acontecimentos que rondaram 1930 (a chamada “Revolução”), ao mesmo tempo, sua própria concepção marxista-leninista ensejava o combate a uma perspectiva ideológica fascista, que vinha contra os seus ideais formativos e sua ação política.

O mais célebre ataque de Paulo Emílio ao integralismo veio em artigo publicado na *Vanguarda Estudantil*. Nele, o jovem faz ácidas críticas a Plínio Salgado e companhia, que se teriam reunido em torno do busto de Euclides da Cunha, no Cantagalo, Rio de Janeiro, como se o célebre escritor tivesse aderido ao movimento integralista. Uma passagem merece ser transcrita. Logo no início do artigo, o Paulo Emílio afirmou:



[...] O chefe nacional [Plínio] e seus companheiros, chegando a Cantagalo, dirigiram-se para o jardim onde foi erigida a erva a Euclides da Cunha. Aí cercaram o busto indefeso, chamaram-no de integralista, e, em seguida, Plínio fez a chamada do novo companheiro. Thompson comovidamente respondeu: presente! O momento foi solene: Plínio soluçava. [...] Senvergonhice, dirão alguns comentadores apressados. Eu não penso assim. Acho que os integralistas têm toda a razão de arrastar para suas fileiras o nome e o busto desses intelectuais ilustres. Discordo absolutamente de quem acha isso senvergonhice. Ao contrário, é uma prova concreta de que os integralistas têm muita vergonha. [...] Ora, vergonha dos intelectuais da Ação Integralista, vergonha de Gustavo Barroso e Miguel Reale, vergonha essa que faz com que, não podendo ter em seu meio grandes vultos vivos, arrastem para as suas fileiras, cínicas e entusiasmadas, a memória imortal de Euclides da Cunha.<sup>19</sup>

Salta aos olhos a ironia de Paulo Emílio, que acabava ridicularizando a atitude do chefe dos integralistas e os demais quadros intelectuais da *Ação Integralista Brasileira* (AIB). Para Décio de Almeida Prado, ridicularizar, fora o choque direto, era visto então como uma das armas mais eficazes na luta contra o fascismo.<sup>20</sup> Ainda em

<sup>19</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. Euclides da Cunha, Olavo Bilac e o Integralismo. In: \_\_\_\_\_. **Paulo Emílio Salles Gomes: um intelectual na linha de frente.** Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 27-28.

<sup>20</sup> PRADO, Décio de Almeida. Paulo Emílio quando jovem. In: SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Paulo Emílio Salles Gomes: um intelectual na linha de frente.** Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 25-26.

1934, ocorreu a “Batalha da Praça Da Sé” entre comunistas e integralistas, a qual Paulo Emílio, apesar de não ter participado do confronto armado, vivenciou de perto<sup>21</sup>. Em meados de 1935, surgiu a *Aliança Nacional Libertadora* (ANL), reunindo militantes do PCB e uma gama de organizações estudantis de esquerda. Como consequência natural de sua militância, o jovem passou a frequentar os comícios da ANL, bem como a escrever em *A Platéia*. Ao argumentar sobre dois comícios da ANL, em São Paulo — um na esplanada do então Palácio das Indústrias e outro no Rink —, Victor de Azevedo dá ênfase ao que Paulo Emílio despertava em seus interlocutores:

Entre os tribunos um se distinguiu logo pelo ardor com que se expressava, a segurança das convicções e inclusive por um dote oratório particular, o que vale dizer, uma voz sonora e vibrante e uma dicção correta e incisiva. Era jovem e precedia dos meios universitários. Seu nome: Paulo Emílio Salles Gomes.<sup>22</sup>

Melo Souza prefere destacar as convicções políticas do crítico:

A adesão de Paulo Emílio à ANL alterou a sua trajetória de militante de esquerda. Ele, que nunca se rendera completamente à ortodoxia do Partido Comunista, encontrou na nova organização espaço para aumentar sua participação política. [...] seu antiimperialismo se desviaria para uma visão nacionalista; ele passaria a ver o quadro político sem o significado rígido de um complô internacional para se apossar do país, buscando nas nossas fraquezas políticas as razões para a perda da soberania diante dos países desenvolvidos. [...] o que a ANL deu a Paulo foi uma compreensão democrática, antigolpista e antimilitarista da realidade, afastando-o de uma política partidária que no final do ano de 1935 se mostrou catastrófica.<sup>23</sup>

Aliada a esta visão da política apontada por Melo Souza, também notamos que Paulo Emílio, em entrevista ao *Correio de São Paulo*, em 1935, revela sua visão do fluxo histórico afirmando:

[...] de uns tempos pra cá, a mocidade brasileira tornou-se consciente de que, por um determinismo histórico, fora extemporaneamente [...]

<sup>21</sup> Em *Cemitério*, obra ficcional inacabada, Paulo Emílio narra alguns acontecimentos da batalha com maestria, inclusive o enterro de um de seus maiores companheiros de militância, Décio Pinto de Oliveira, morto no célebre combate. Cf. SALLES GOMES, Paulo Emílio. *Cemitério*. São Paulo: Cosacnaify, 2007.

<sup>22</sup> AZEVEDO, Victor. Paulo Emílio preso político. In: BERNARDET, Jean-Claude & CANDIDO, Antonio (Orgs). *Ensaio de Opinião*. Rio de Janeiro: Inúbia, 1978, p. 13, Vol. 6.

<sup>23</sup> MELO SOUZA, José Inácio de. *Paulo Emílio no paraíso*. São Paulo: Editora Record, 2002, p. 29.

chamada a uma situação social ativa, situação em desequilíbrio com a sua cultura, que era escassa, e a sua experiência, que era pouca.<sup>24</sup>

O jovem militante reconhecia a imaturidade de sua geração ao caracterizar sua atuação como extemporânea, porém a enxergava necessária, pois o determinismo histórico condicionava tal conjuntura de premente chamada para a ação. Era o marxismo-leninismo influenciando sensivelmente nas suas concepções políticas e ideológicas e, ao mesmo tempo, um *horizonte de expectativa* se alinhava à negação do presente que era carregado de pretérito. Paulo Emílio demonstrava sua concepção marxista de história, bem como sua capacidade em historicizar os fatos de seu *espaço de experiências* de acordo com uma linha mestra reguladora de suas ações práticas.

O tom antigolpista, antimilitarista e pró-democracia, aliado ao pano de fundo da crença no determinismo histórico, ditou a sua atuação em diversas frentes sociais e políticas. Na *Campanha dos 50%*, Paulo Emílio se engajou na luta prioritária pelo descontos para todos os estudantes do país no suprimento das duas necessidades básicas (alimentação, vestuário, moradia e cultura). Na defesa da libertação de Genny Gleiser — estudante judia e comunista presa pelo governo Vargas —, travada nas páginas de *A Platéia*, a indignação antiautoritária prevaleceu de forma contundente. Na adesão ao Aprismo<sup>25</sup>, inclusive intuindo a fundação do *Partido Aprista Brasileiro*, sua luta buscava uma alternativa à extinção da ANL. E, na *Comissão Organizadora dos Direitos da Mocidade*, o ideal democrático foi o ponto de partida do qual se ramificaram todas as outras tendências políticas do jovem militante. Com efeito, paralelamente a todos esses investimentos políticos, Paulo Emílio participou de diversas reuniões, comícios, conferências e congressos, por vezes na posição de estudante, outras como “jornalista da *Revista Movimento*” — revista criada por ele próprio em 1935, que não passou do primeiro número —; na maioria dos casos como figura de proa, pois sua capacidade em articular formidavelmente bem seus ideais políticos a uma retórica eloquente já estava sendo reconhecida.

---

<sup>24</sup> Entrevista de Paulo Emílio ao *Correio de São Paulo*, em 21 de junho de 1935. Apud PRADO, Décio de Almeida. Paulo Emílio quando jovem. In: SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Paulo Emílio Salles Gomes: um intelectual na linha de frente**. Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 17.

<sup>25</sup> Movimento político da *Aliança Popular Revolucionária Americana* (APRA), fundada em 1924 pelo peruano Víctor Haya de la Torre, que lutava pela independência política, econômica e cultural latino-americana com base na luta conjunta entre burguesia local e trabalhadores urbanos contrários aos interesses imperialistas norte-americanos.

Toda essa agitação militante de Paulo Emílio, aliada à atmosfera autoritária pela qual passava o país em 1935, sobretudo após a *Intentona Comunista* de novembro, da qual o crítico não participou, resultou em sua prisão política no dia 17 de dezembro. Nomes consideráveis como Caio Prado Júnior, Miguel Costa e Fúlvio Abramo haviam sido presos poucos dias antes pelo DOPS. Melo Souza sintetiza bem os motivos da prisão de Paulo Emílio:

[...] o crime de Paulo Emílio foi unicamente de opinião política. Para a polícia, isso era suficiente para classificá-lo como comunista e mandá-lo para a prisão. Não pertencendo nem aos quadros do Partido Comunista nem da Juventude Comunista [ao menos formalmente], não tendo pregado nem o golpe armado nem a derrubada do regime, o seu crime reduzia-se ao uso da sua arma principal, a palavra, na difusão daquilo que ele entendia como o melhor para o país.<sup>26</sup>

Paulo Emílio passou cerca de um ano e meio nos presídios *Paraíso* e *Maria Zélia*, sendo no segundo uma passagem intermediária. Nesse período, precisamente no *Paraíso*, dedicou-se a leituras “proibidas” e ao proselitismo entre os companheiros de prisão. Décio de Almeida Prado, ao escrever sobre o período em que o crítico passou na prisão, revelou sua personalidade ímpar:

Às quintas-feiras, o visitávamos, um pequeno grupo de parentes e amigos. Desejávamos dar-lhe apoio, passar-lhe um pouco do nosso calor de pessoas livres. Mas quase sempre acontecia o contrário: ele é que nos fazia rir, ele é que nos remuniciava de otimismo com a vitalidade e a sua inesgotável alegria de viver. Íamos confortar e saíamos reconfortados.<sup>27</sup>

Esta personalidade de Paulo Emílio provavelmente foi o que mais pesou em sua redação da peça teatral *Destinos*, que, escrita e representada no presídio *Maria Zélia*, buscava reafirmar sua causa esquerdista, assim como sinalizar a próxima e inevitável vitória da esquerda.<sup>28</sup> Na peça, Paulo Emílio se mostrava aderente a uma concepção e interpretação da história por um viés determinista. O socialismo era visto como desenvolvimento natural das forças produtivas do capitalismo, na medida em que o estágio inevitável pós-revolução burguesa, no qual a contradição interna da burguesia levaria à sua própria derrocada, seria um *telos* que consistia na vitória da causa

<sup>26</sup> MELO SOUZA, José Inácio de. **Paulo Emílio no paraíso**. São Paulo: Editora Record, 2002, p. 77.

<sup>27</sup> PRADO, Décio de Almeida. Paulo Emílio na prisão. In: SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Cemitério**. São Paulo: Cosacnaify, 2007, p. 142.

<sup>28</sup> Ibid., p. 143.

revolucionária comunista. Pensando essa perspectiva de história e sua interpretação à luz da realidade brasileira, claramente nos parece que Paulo Emílio fazia uma leitura do Brasil pós-1930 com base na ideia segundo a qual a ascensão ao poder de Getúlio Vargas consistia na revolução burguesa brasileira — a burguesia industrial nacional finalmente possuía representação efetiva no aparelho de Estado —, isto é, no primeiro estágio para a revolução do proletariado. Portanto, seu *espaço de experiências* preenchido e influenciado por um passado a ser negado também trazia em seu bojo um *horizonte de expectativa* alvissareiro.

Paulo Emílio fugiu do presídio *Paraíso* em 1937, aproveitando-se de uma fuga em massa. Passou cerca de três meses se escondendo em casas de amigos, foi capturado novamente e liberado pela polícia do governo Vargas. No mesmo ano partiu para a França.

## PAULO EMÍLIO E O MARXISMO INDEPENDENTE NOS ANOS DE 1940

Em Paris, Paulo Emílio passou apenas dois anos (1937-1939), porém muito expressivos para a redefinição de suas concepções políticas e intelectuais. O cinema passou a fazer parte de sua vida de modo mais enfático, bem como o marxismo começou a sofrer uma transformação clarividente. Segundo Antonio Candido,

Essa estada foi dos fatos mais importantes da sua vida: ela lhe revelou o cinema e alterou a fundo sua visão política. Ao chegar lá era automaticamente stalinista, na medida em que apoiava o Partido Comunista e seguia a sua orientação. [...] [Entretanto] chegou a uma visão fortemente anti-stalinista, que não implicava, todavia anticomunismo e se combinava com a defesa da União Soviética pelas conquistas feitas, apesar de tudo o que sabia sobre a repressão interna e a interferência na política operária de outros países. Sem prejuízo da admiração pela figura e os escritos de Trotski, rejeitava também o trotskismo; e passou a ver o marxismo como um corpo aberto de doutrina, passível de modificação segundo a época.<sup>29</sup>

Essa mudança de convicção política em Paris teve motivos formativos importantes. Além de fazer leitura das obras de Trotski, Victor Serge, Arthur Rosenberg, Koestler, Bukarin e Alexandre Barmine, todas de visão bastante crítica acerca da *Revolução de Outubro*, Paulo Emílio se ligou intimamente a Victor Serge e

---

<sup>29</sup> CANDIDO, Antonio. *Informe político*. In: SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Paulo Emílio Salles Gomes: um intelectual na linha de frente**. Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 56-57.

Andrea Caffi, cujas trajetórias de exilados políticos sinalizavam um socialismo democrático e revolucionário.<sup>30</sup>

A conjuntura europeia já não era mais segura para Paulo Emílio e, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, ele retornou para o Brasil. O próprio determinismo histórico abria brechas para uma nova leitura marxista da sociedade por parte de Paulo Emílio. Portanto, o marxismo independente se tornava práxis no sentido marxista e não no sentido marxista-leninista. De acordo com Leandro Konder, no marxismo-leninismo o conceito de práxis revolucionária é desprezado, na medida em que os militantes comunistas são levados a crer que a valorização da práxis por Marx é pouco mais do que uma versão modificada da conclamação à militância político-partidária, isto é, à mera atividade prática com a qual eles acreditavam estar fazendo a revolução. No entanto, para Marx, na práxis revolucionária são associados o reconhecimento da resistência do objeto e a presença da criatividade do sujeito, pois pela práxis o homem transformava a ordem das coisas e, ao mesmo tempo, se transformava, isto é, desenvolvia seu poder sobre o mundo e aprendia a se dar conta do poder do mundo. Desse modo, a compreensão da práxis nesse sentido ajudava a impedir que na nossa compreensão as ações humanas fossem absorvidas por uma causalidade rígida, determinista, e simultaneamente contribuía para evitar que na nossa consciência o sentido das ações nos fosse definitivamente roubado e fosse declarado inacessível à razão.<sup>31</sup>

Sob essa perspectiva ideológica, Paulo Emílio, desiludido com o stalinismo e decepcionado com o trotskismo, não encontrou conforto entre os antigos companheiros de *Juventude Comunista*, tampouco no interior das outras organizações de esquerda. Em face disso, num primeiro momento foi no âmbito universitário que desenvolveu suas novas concepções políticas e culturais, cuja base fundamental acenava para um marxismo independente. O então crítico e militante passou então a dividir e/ou mesclar sua atuação entre cinema e política. Reativou contato mais íntimo com Décio de Almeida Prado, que o aproximou do grupo fundador da revista *Clima* — Lourival Gomes Machado, Ruy Coelho, Gilda de Mello Souza, Alfredo Mesquita e Antonio

---

<sup>30</sup> CANDIDO, Antonio. *Informe político*. In: SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Paulo Emílio Salles Gomes**: um intelectual na linha de frente. Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 56-57.

<sup>31</sup> KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**: a recepção das obras de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1988 p. 42.

Candido —, bem como, seguindo o destino de praticamente todos do grupo de amigos, iniciou seu curso de Filosofia na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Com efeito, no espectro político, além de politizar sua coluna de *Clima*, sem, no entanto, abandonar a apreciação cinematográfica, o crítico e militante se dedicou ao engajamento não partidário, alicerçando-se numa perspectiva democrática e socialista contra o Estado Novo (1937-1945). Com o rompimento do governo brasileiro com as nações nazifascistas, o terreno para as atividades políticas ficou mais ameno, propiciando Paulo Emílio fundar, em 1942, o *Grupo Radical de Ação Popular* (GRAP). Antonio Candido tece considerações acerca dos quadros formadores do GRAP, bem como das atividades na organização política:

Éramos apenas seis: de *Clima*, ele [Paulo] e eu; dos militantes veteranos da Faculdade de Direito, Antonio Costa Correia e seu cunhado Germinal Feijó; mais o jornalista Paulo Zingg e Eric Czaskes, litógrafo austríaco que trabalhava então numa livraria. [...] O grupo era bastante vivo e serviu de esmeril para todos nós, na busca de uma posição de esquerda independente. Líamos, analisávamos os acontecimentos, preparávamos documentos e tomamos algumas atitudes práticas na clandestinidade. Cada um tinha o seu ângulo e trazia a sua contribuição, sendo a mais nova e articulada a de Paulo [...].<sup>32</sup>



Naturalmente a atividade prática mais desenvolvida era a luta contra o governo Getúlio Vargas. Desse modo, ainda segundo Antonio Candido, o GRAP definiu um modo próprio de atuação do grupo, mas também suscitou uma articulação mais ampla que foi encontrada entre os estudantes e graduandos de Direito, em já tradicional luta contra o governo Vargas.<sup>33</sup> Por volta de 1943 e 1944, dada a maior amplitude de relacionamento alcançada pelo GRAP, cujas reuniões eram feitas na própria residência de Paulo Emílio, o mesmo teceu relações com atores políticos de diversas tendências, tais como os comunistas não alinhados ao *Comitê de Ação*, entre os quais figuravam Caio Prado Júnior e Mário Schemberg. Desta feita, ocorreu a transformação do GRAP em *Frente de Resistência*, que funcionava como “[...] um conjunto atuante e amplo, com certa capacidade de expressão ideológica e a participação de estudantes ou jovens

---

<sup>32</sup> CANDIDO, Antonio. Informe político. In: \_\_\_\_\_. SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Paulo Emílio Salles Gomes**: um intelectual na linha de frente. Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 61.

<sup>33</sup> Ibid., p. 62.

formados em outras faculdades, além da de Direito”.<sup>34</sup> Fazendo uma retrospectiva dessa transformação, Antonio Candido afirmou:

Creio que o GRAP influenciou na Frente, primeiro, criando ambiente para confrontar a vocação socialista de vários jovens, que se aproximaram das nossas posições; segundo, deslocando progressivamente para a esquerda o tom dos pronunciamentos, que antes era de puro liberalismo.<sup>35</sup>

Analisando historicamente o “deslocamento para a esquerda” dos pronunciamentos da *Frente de Resistência*, bem como a atuação de Paulo Emílio nesse processo, pode-se notar que a transformação do GRAP em *Frente de Resistência* se constituiu num *espaço de experiências* que trazia consigo um *horizonte de expectativa* que acenava para a formulação de uma unidade no interior da esquerda nacional, balizada por um marxismo avesso à ortodoxia.

O crítico e militante possuía devida noção das dificuldades para aparar as arestas na composição da unidade vislumbrada. Em entrevista concedida entre 1943 e 1944, porém publicada em 1945, na *Plataforma da nova geração*, organizada por Mário Neme, ele acentuava a diversidade de pensamento no interior da esquerda nacional, afirmando:

Não há uma unidade ideológica em nossa geração. [...] É sabido que o meio de cultura ideal para a proliferação fascista e neofascista é confusão. A confusão, sobretudo, entre os adversários. [...] Passados em revista os setores secundários [direita e liberais], podemos entrar naquele que tem realmente significação pela quantidade de seus representantes e pela alta qualidade intelectual de muitos de seus membros: a corrente de esquerda da jovem geração intelectual do Brasil. Também neste campo delimitado não existe unidade de pensamento. Pior do que isto, há uma grande confusão. E aqui isso é grave.<sup>36</sup>

A inexistência de unidade de pensamento, sobretudo entre as esquerdas, gerava uma confusão ideológica da qual algumas vertentes fascistas se aproveitavam para manter certa força política. Este quadro esboçado por Paulo Emílio já por volta de 1944

<sup>34</sup> CANDIDO, Antonio. *Informe político*. In: \_\_\_\_\_. SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Paulo Emílio Salles Gomes: um intelectual na linha de frente**. Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 62.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 62.

<sup>36</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. *Plataforma da nova geração*. In: \_\_\_\_\_. **Paulo Emílio Salles Gomes: um intelectual na linha de frente**. Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 82-85.



ganhou maior clareza no ano posterior. Por um lado, um exemplo preciso é o contato do crítico com Luiz Carlos Prestes, que foi malgrado na expectativa de unidade. Alexandre Hecker o narrou do seguinte modo:

Exatamente em 1945, verificou-se um esboço de tentativa de acordo entre setores da esquerda, que em seu conjunto haviam sofrido a repressão estadonovista. [...] no Brasil, a oportunidade abriu-se de forma singela quando uma espécie de comissão da Frente de Resistência acima referida esteve no Rio de Janeiro à procura de diálogo com Luiz Carlos Prestes. Entre várias visitas que “o Cavaleiro da Esperança” recebeu, ainda preso, estiveram os paulistas Germinal Feijó, Cory Porto Fernandes e Paulo Emílio Salles Gomes. Estes representantes do socialismo de São Paulo procuraram-no com vistas à ampliação do movimento que encetavam. Todavia, apesar de Paulo Emílio permanecer horas a fio na cela do líder comunista, dali saiu frustrado. Quase não emitira nenhuma palavra — relatou a seus companheiros que ficaram aguardando o resultado da entrevista em um bar das proximidades da cadeia —, pois Prestes “falara sem parar todas aquelas horas sobre a necessidade da união com Vargas”.<sup>37</sup>

Por outro, não há como negar que o *espaço de experiências* estava se modificando e com ele o *horizonte de expectativa* pela unidade entre as esquerdas, pois o Estado Novo, antecipando-se aos adversários, decidiu orientar a abertura política — já tomada como inevitável — fixando prazo para a eleição presidencial, concedendo anistia ampla a todos os condenados políticos e permitindo a volta dos exilados. Nesse contexto, renascia a vida partidária abrindo caminho para uma efervescência política que deu origem a diversos partidos: além do *Partido Comunista Brasileiro* (PCB) que voltava à legalidade, a *União Democrática Nacional* (UDN), o *Partido Social Democrático* (PSD), o *Partido Trabalhista Brasileiro* (PTB) e o *Partido Social Progressista* (PSP).

Com efeito, no mesmo ano de 1945, após o *Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores*, bem como do surgimento da UDN e a volta à legalidade do PCB, a *Frente de Resistência* — que apoiou a fundação da primeira e sempre manteve contato com os integrantes e dissidentes do segundo — perdeu diversos membros liberais e esquerdistas, sucumbindo no âmago dos debates. Essa série de acontecimentos expressivos levaram Paulo Emílio a fundar a *União Democrática Socialista* (UDS). De acordo com Melo Souza, a UDS surgia mais como um movimento político e menos como um

---

<sup>37</sup> HECKER, Alexandre. **Socialismo sociável**: história da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965). São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 66-67.

partido.<sup>38</sup>Foi justamente nesse sentido que Paulo Emílio redigiu o *Manifesto da UDS* assinado pelos seus membros, no qual, além de historicizar as lutas democráticas desde o advento da República, enfatizar a necessidade de participação política da classe trabalhadora, traçar o perfil dos adeptos ao movimento e, obviamente, atacar as mazelas sociais e políticas derivadas do Estado Novo, assinalava um programa político social independente.<sup>39</sup> A passagem transcrita a seguir sintetiza o programa e tom do novo movimento:

A União Democrática Socialista lutará ao lado de todas as forças liberais e esquerdistas contra o Estado Novo e se baterá pela unidade de ação das forças democráticas contra a ditadura. Dentro das coligações ou blocos oposicionistas de que participamos, conservaremos a nossa independência de ação, reservando-nos a tarefa que nos propomos de formação de quadros políticos da nova geração proletária e da classe média e o direito da crítica da inconseqüência dos agrupamentos políticos liberais e do eventual facciosismo dos grupos de esquerda. [...] Com as forças democráticas, marcharemos unidos para a Assembléia Nacional Constituinte e para a conquista da democracia.<sup>40</sup>

Apesar de acentuar o bloco democrático que se reunira em torno da candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes pela UDN, ficava explícita a perspectiva independente do movimento. Sobre tal independência, assim como acerca da atuação de Paulo Emílio na UDS, Antonio Candido foi pontual ao afirmar:

É possível que a UDS tenha representado o ponto mais alto nas tentativas de Paulo Emílio para definir posições de socialismo independente, em alianças táticas com agrupamentos liberais ou vagamente reformistas. Mas ela foi um sonho curto, porque a nossa situação interna ficou insustentável pela dificuldade de arregimentar e coordenar tarefas para a luta eleitoral que se anunciava.<sup>41</sup>

Nesse mesmo período, surgiu a *Esquerda Democrática* (ED), no Rio de Janeiro, cuja base fundamental de pensamento também convergia para a luta contra o Estado Novo. De imediato ocorreu uma adesão por parte dos membros da UDS à ED,

---

<sup>38</sup> MELO SOUZA, José Inácio de. **Paulo Emílio no paraíso**. São Paulo: Editora Record, 2002, p. 249.

<sup>39</sup> SALLES GOMES, Paulo Emílio. Manifesto da União Democrática Socialista (UDS). In: \_\_\_\_\_. **Paulo Emílio Salles Gomes: um intelectual na linha de frente**. Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 96-107.

<sup>40</sup> Ibid., p. 105-107.

<sup>41</sup> CANDIDO, Antonio. Informe político. In: \_\_\_\_\_. SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Paulo Emílio Salles Gomes: um intelectual na linha de frente**. Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 65.

inclusive com assinatura de Paulo Emílio no manifesto inaugural. Esse fato, como nos revela Antonio Candido, levou à dissolução da UDS.<sup>42</sup> Como desdobramento desse contexto, o embate na campanha presidencial se resumiu na polarização entre o Brigadeiro Eduardo Gomes pela UDN, apoiada pela ED, e o General Eurico Gaspar Dutra pela coligação PSD-PDT. A história nos demonstra que a UDN, apesar do apoio de grande parte da intelectualidade esquerdista, tendeu para a direita já na aliança com a frente de Dutra para a derrubada do Estado Novo.

Esse problema histórico e político, por um lado, enseja o questionamento acerca da participação de Paulo Emílio no processo e, por outro, nos remete a buscar uma linha reguladora de suas atividades. Antonio Candido explica a condição *sine qua non* que o levou, ao lado de Paulo Emílio e outros integrantes da UDS e ED, a apoiar a UDN:

[...] não tendo no momento condições para constituir legalmente um partido, a ED, pelo menos no Rio e em São Paulo, fez um acordo mediante o qual a UDN aceitou na sua chapa representantes dela [...] O que nos ligava então à UDN era a tradição comum de luta contra o Estado Novo, que nos parecia essencial e servia de ponto de encontro, do mesmo modo que o apoio a uma candidatura antigetulista, a de Eduardo Gomes.<sup>43</sup>

Diante disso, pode-se constatar que a adesão do crítico à candidatura de Eduardo Gomes, ou seja, à UDN — via *Frente de Resistência*, depois na efêmera UDS, e por fim na ED — pode ser entendida pela necessidade de assumir posição eficiente em prol da derrubada do Estado Novo. Sua participação em comícios, reuniões, na redação de manifestos, nos debates públicos e nas tentativas de arregimentação social em favor da causa defendida, antes de sintetizar uma adesão partidária, acentua sua militância política alicerçada em um marxismo independente e democrático, cuja pedra de toque nacionalista seria lapidada alguns anos mais tarde na luta pelo cinema brasileiro. Em 1946, Paulo Emílio retornou à França para estudar cinema. De acordo com Melo Souza, “A política, desse instante em diante, continuaria presente em suas opções frente à vida. A cultural, contudo, a dominaria e a conduziria”<sup>44</sup>.

<sup>42</sup> CANDIDO, Antonio. *Informe político*. In: \_\_\_\_\_. SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Paulo Emílio Salles Gomes: um intelectual na linha de frente**. Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 66.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 66.

<sup>44</sup> MELO SOUZA, José Inácio de. **Paulo Emílio no paraíso**. São Paulo: Editora Record, 2002, p. 268.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da problematização sobre a militância política de Paulo Emílio Salles Gomes, percebe-se que, num esforço de construção de sua própria identidade em uma sociedade de classes, ele, filho de médico com trânsito nas altas esferas paulistanas, num primeiro momento de sua *formação* procurou a ação e o saber pautando-se no marxismo-leninismo. Essa militância política-ideológica, com participação em reuniões, comícios, passeatas e manifestos, aliada à leituras em francês de Lênin, Stálin, Riazanov, Max Beer, Leo Goomilevsky, Michael Good, e em espanhol das publicações dos congressos da III Internacional Comunista, revelam suas estratégias de inserção sociopolítica e, ao mesmo tempo, expressam o caráter unilateral e irrestrito de uma *formação* que jamais segregou em polos opostos experiência/ação e conhecimento teórico. Neste *espaço de experiências* que trazia consigo as marcas de um pretérito que era negado, mas ainda se fazia presente, um *horizonte de expectativa* sinalizava a possibilidade de alteração do *status co* num *telos* alvissareiro, tal como o marxismo-leninismo apontava.

Num segundo momento, Paulo Emílio demonstrou de maneira significativa que a subjetividade não passa ao largo de um processo de *formação*. A estadia na França (1937-1939), bem como o conhecimento crítico das mazelas sociais e arbitrariedades aos direitos humanos do regime soviético —a partir do contato com Victor Serge, Andrea Caffi, e outros dissidentes do regime— constituíram-se num *espaço de experiências* que lhe proporcionou o realinhamento de uma visão de mundo antes considerada verdade newtoniana, como também sinalizaram num novo *horizonte de expectativa*. O então militante marxista-leninista foi encaminhado à reavaliação de uma tradição teórica com a qual compactuava e, automaticamente, moldava sua própria identidade e modos de agir. Surgiu o marxista independente, avesso ao contexto repressivo e propício à negociação — vide exemplo as visitas a Luiz Carlos Prestes — e arregimentação de forças esquerdistas democráticas e humanistas. Foi exatamente à luz desse ideal que sua militância política marxista se deu no *Grupo Radical de Ação Popular* (GRAP), na *Frente de Resistência*, na *União Democrática Socialista* (UDS) e na *Esquerda Democrática* (ED). O marxismo prosseguiu enquanto baliza formativa em

seu no *espaço de experiências*, sobretudo como marcas formadoras profundas, no entanto tanto visto de forma independente.

Ao cabo do processo de *formação* de Paulo Emílio que se constituiu num *espaço de experiências* que congregava um *horizonte de expectativa* moldado pelo marxismo, antes de vertente leninista, depois independente, o contexto político brasileiro, com aliança estabelecida nos bastidores e a ascensão de Eurico Gaspar Dutra, pondo fim ao Estado Novo, não mais dava respaldo à sua militância política que arregimentava um *horizonte de expectativa* no qual a políticanacional fosse transformada. A Paulo Emílio, com efeito, soava como necessário recomeçar. E o recomeço se deu com a partida para França, em 1946. A partir daí, como informou Antonio Candido, “[...] Acabara o militante de partido, embora nunca houvesse acabado o homem visceralmente político que sempre foi; capaz de politizar qualquer atividade”.<sup>45</sup> Essa politização de qualquer atividade notoriamente em torno do cinema brasileiro, porém, isso se constitui num outro processo histórico.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

**RECEBIDO EM: 21/05/2017**

**APROVADO EM: 11/07/2017**

---

<sup>45</sup> CANDIDO, Antonio. Informe político. In: \_\_\_\_\_. SALLES GOMES, Paulo Emílio. **Paulo Emílio Salles Gomes: um intelectual na linha de frente**. Carlos Augusto Calil & Maria Teresa Machado (Orgs). São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: EMBRAFILME, 1986, p. 67.